



5515 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

DOCÊNCIA COM BEBÊS EM OCASIÕES DE CUIDADOS PESSOAIS: INTERAÇÕES E BANHO EM FOCO
Thamisa Sejanny de Andrade Rodrigues - UFS - Universidade Federal de Sergipe
Tacyana Karla Gomes Ramos - UFS - Universidade Federal de Sergipe

Introdução

De modo geral, o ingresso da Educação Infantil, enquanto etapa da Educação Básica, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB/96 trouxe ganhos, ao tempo em que provocou um movimento de reflexões acerca da especificidade desse ambiente de educação coletiva para bebês e crianças pequenas. Embora recente no âmbito da educação, a instituição que atende crianças de zero a três anos (creche) há décadas integra o cotidiano das crianças brasileiras, sobretudo das mais pobres. Conforme dados obtidos no Relatório do 2º Ciclo de monitoramento das metas do Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2018), a partir de dados do Pnad/IBGE (2004-2015), observamos o aumento significativo de crianças de zero a três anos atendidas em creches, passando de 17,3% de matrículas em 2004, para 31,9% em 2016. E, com a perspectiva de atendimento para 50% até 2024, ano de término da vigência do Plano Nacional de Educação - PNE (2014-2024).

Na composição dessa especificidade de atendimento educacional, as ações relativas aos cuidados pessoais ganham destaque na medida em que os bebês ainda requerem dependência das ações dos adultos nas questões relativas à higiene, ao sono e à alimentação. Essas ações necessitam ser enaltecidas no ambiente da instituição de Educação Infantil enquanto práticas sociais importantes para o desenvolvimento integral dos bebês. No entanto, em geral, percebe-se que são vistas enquanto ações pedagógicas menos valorizadas.

Nesta pesquisa, partimos da perspectiva de cuidado como dimensão da docência na Educação Infantil, importante no processo de formação humana e que está imbricado com as funções de proteção, incentivo às aprendizagens, atenção, afetividade e escuta aos bebês, necessários ao cotidiano de toda criança (GUIMARÃES, 2011; SCHMITT, 2014; TRISTÃO, 2004).

Sendo assim, concordamos com Tiriba (2005) quando defende a ideia de cuidado em uma dimensão relacional e afetiva, haja vista que implica em responsabilidade e compromisso contínuos. Exige, pois, uma postura receptiva, atenta e sensível ao outro, por isso requer tempo, proximidade e entrega. Além disso, a autora acrescenta que “[...] quando nos propomos a cuidar de alguém, significa que estamos dispostos a dedicar energias ao destinatário de nosso cuidado, a mostrarmos envolvimento emocional com ele. Por isto, cuidar é necessariamente uma atividade relacional”. (TIRIBA, 2005, p. 14).

A esse respeito, diferentes autores (SCHMITT, 2014; FALK, 2016; GUIMARAES; ARENARI, 2018; BARBOSA; QUADROS, 2017; PENA, 2015; SILVA, 2018; WINTERHALTER, 2015) apontaram em seus estudos a importância de cuidados pessoais (banho, alimentação, por exemplo) como eixos constituidores da docência com bebês, visto que se apresentam como necessidades das crianças no cotidiano pedagógico, bem como ocupam uma parte considerável da jornada educativa na instituição de Educação Infantil e que, portanto, necessitam de práticas com qualidade pedagógica.

A docência com bebês ainda está em processo de consolidação e é alvo de tensões e disputas, ainda delineada em práticas assistenciais vinculadas à perspectiva médico-higienista da constituição histórica da docência na creche, conforme, por exemplo, apontam os estudos realizados por Rocha e Batista (2015). Também predominam concepções e práticas vinculadas a um modelo *escolarizante* que se mostra ineficaz (KUHLMANN JR., 2015) e se distancia dos atuais objetivos sociopolíticos e pedagógicos da Educação Infantil (BRASIL, 2009).

As práticas sociais de cuidados pessoais reúnem um conjunto de linguagens que podem ser, desde cedo, interpretadas, vividas, sentidas, acolhidas e rejeitadas pelas crianças em suas ações cotidianas (BARBOSA, 2009). Cabe ressaltar que nos referimos a linguagens enquanto as diferentes manifestações da vida cotidiana, expressões culturais e científicas das quais as crianças têm acesso desde que nascem. Nessa perspectiva, a palavra linguagem “é utilizada no sentido amplo de compartilhar sentidos e comunicar significados, ou seja, de leitura, de interpretação, de expressão e de produção de significados simbólicos”. (BARBOSA, 2009, p. 85). Ou seja, vão além dos conteúdos disciplinares, conceitos a serem aprendidos e posteriormente aplicados na trajetória escolar. Não se restringem às linguagens verbais, orais ou escritas, por exemplo, e rompem com a ideia de um currículo prescritivo em que tudo pode ser medido e definido previamente, fugindo às experiências singulares e criativas das crianças (OLIVEIRA-FORMOSINHO *et al.*, 2007; BRASIL, 2016).

Essa compreensão dos momentos de cuidados como práticas sociais torna-se possível por meio de um *currículo narrativo* e que, portanto, prescinde de um diálogo entre os conhecimentos formais com os diferentes saberes das crianças e de suas famílias (BRASIL, 2016). Desse modo, requer que se construa uma prática pedagógica de valorização das ações iniciadas pelas crianças, ou seja, um modelo pedagógico que se baseie nas fontes teóricas que revelam a potência das crianças, bem como na construção de um referencial teórico e prático para pensar antes da ação, na ação e sobre a ação (OLIVEIRA-FORMOSINHO *et al.*, 2007).

As maneiras de cuidar da higiene, por meio do banho, por exemplo, são práticas sociais e culturais que são transmitidas e instigam as crianças e, portanto, fazem parte do currículo da Educação Infantil. Sendo o currículo entendido neste trabalho como um conjunto de ações pedagógicas desenvolvidas com intencionalidades educativas, “[...] como as experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, em meio a relações sociais, e que contribuem para a construção das identidades [de nossas crianças]”. (MOREIRA; CANDAU, 2007, p. 18).

Assim, os momentos de banho vividos entre bebês e professor(a) são aqui entendidos como linguagens importantes que emergem do cotidiano da educação da criança, “fogem à possibilidade de uma definição prévia total do ato de ensinar e aprender” (OLIVEIRA-FORMOSINHO *et al.*, 2007, p. 19), abrindo-se para os imprevistos que são próprios da vida cotidiana e que, portanto, necessitam de um olhar sensível e atento dos profissionais.

Nesse sentido, o adulto profissional, ao preparar um ambiente educativo acolhedor às motivações, interesses e necessidades fisiológicas e socioafetivas dos bebês, revela suas intencionalidades pedagógicas que se desdobram em ideias, sensações, compartilhamentos e pensamentos sobre crianças, diferente da concepção que compreende essa intencionalidade como ligada aos resultados individuais escolarizantes. Diante disso, favorecer projetos educativos que valorizem as ações de banho como espaços de promoção de satisfação pessoal, convivência, alegria, conhecimento de si e do outro fazem “emergir a humanidade de cada dia enquanto ocorrência extraordinária que rompe o ordinário cotidiano para amplificá-los de sentidos”. (BARBOSA, 2009, p. 78).

Nessa perspectiva, defendemos a ideia de que os momentos destinados às práticas de cuidados pessoais são ocasiões privilegiadas de interação de bebê e adulto, em que também estão presentes diferentes aprendizagens: culturais, sociais, afetivas, cognitivas. Dentro da jornada pedagógica com bebês, são momentos privilegiados de maior aproximação individual entre adulto e criança (FALK, 2016). Proporcionam um estreitamento nos laços de confiança, já que são permeados pelo olhar, pelo toque, pela palavra, pelos gestos.

Estamos tratando de intervenções educativas fecundas de trocas sociais entre a criança e os adultos nas quais os significados são construídos e compartilhados, circunscrevendo uma história social do grupo com seus sentidos e fazeres, “[...] constituída pelo conjunto de rotinas, pelas regras, pelas divisões temporais (que criam ritmos reconhecíveis), permitindo assim também o gosto pelo imprevisto, pelas funções que as pessoas assumem naquele contexto particular”. (BONDIOLI; MANTOVANI, 1998, p.29).

Ampliamos o argumento defendido, conforme nos aponta Falk (2016, p. 35),

[...] através dos cuidados de boa qualidade, a criança experimenta um sentimento de segurança e continuidade, ela acumula experiências que favorecem o desenvolvimento de sua autonomia, e se torna capaz de estabelecer relacionamentos afetivos autênticos e de constituir o seu Eu.

Assim, nos contextos de que fazem parte, partilhando e vivenciando experiências, aos poucos e ativamente, as crianças vão desenvolvendo não só sua identidade individual, mas também coletiva. Com base em ações interativas de qualidade, cuidadosas e respeitadas e o modo como o adulto reage às suas ações, as crianças passam a modificar as suas experiências, transformando-se, portanto, constituindo-se em um processo educativo impulsionador de novas aprendizagens. Dessa forma, o(a) professor(a) que atua com bebês e crianças bem pequenas prescinde de formação especializada, que atenda a competências teóricas, metodológicas e relacionais, de modo a favorecer o desenvolvimento corporal, afetivo e cognitivo dos bebês (BARBOSA, 2010).

Nessa trilha de proposições, a dimensão educativa frente à docência com bebês coloca em relevo o desenvolvimento integral da criança em práticas sociais em que estejam presentes o princípio da indissociabilidade entre cuidar/educar, tendo em vista que tanto o atendimento às necessidades de cuidados pessoais dos bebês se colocam enquanto atos educativos, como a intencionalidade educativa se revela nos cuidados oferecidos a essas crianças.

Caminhos trilhados no percurso de geração de dados

O presente texto expõe recortes de dados produzidos em uma pesquisa de mestrado acadêmico e tem como objetivo central analisar ações interativas de cuidado/educação de bebês e sua professora, nos momentos destinados aos cuidados pessoais, em situações de banho, no contexto da Educação Infantil.

Os sujeitos que participaram diretamente da pesquisa foram sete bebês, de ambos os sexos, com idades entre onze e vinte meses, do agrupamento etário denominado *berçário 1* e sua professora, em uma instituição de Educação Infantil, localizada no estado de Sergipe.

Realizamos um tempo de imersão no contexto de investigação durante os meses de agosto e dezembro de 2017, no período da manhã, com permanência de quatro a cinco horas por dia na sala de referência dos bebês, durante dois dias na semana, nas terças e quartas. Os registros de observação foram efetuados nos momentos de banho das crianças, buscando captar situações de ações interativas na diáde bebê-professora.

Em virtude de ausência de linguagem verbal estruturada, a pesquisa nos exigiu que utilizássemos de diferentes recursos para a geração de dados, de modo a captar e compreender a riqueza de detalhes obtidas por diferentes recursos comunicativos utilizados pelos bebês para interagirem com a professora e seus pares, tais como o choro, o sorriso, o olhar, o toque, os gestos, que compõem o rico universo de linguagens das quais os bebês dispõem para estabelecer interações sociais.

Considerando as especificidades da pesquisa com bebês, utilizamos a videogravação como recurso privilegiado neste estudo, por permitir um registro rico de informações e que poderíamos a todo momento retomar sempre que necessário. Os registros de gravação foram iniciados após o período de adaptação da pesquisadora com os bebês e com a professora da sala investigada. Para tanto, foi utilizada uma câmera de vídeo móvel, permitindo uma maior flexibilidade e proximidade da pesquisadora em relação aos eventos interativos alvos da análise. Ademais, para além dos objetivos da pesquisa, o vídeo possibilitou o registro de situações, expressões e momentos do cotidiano bastante sutis, que em algumas ocasiões pela velocidade das ações que se desenrolavam, somente a observação seria incapaz de captar com detalhes.

Assim, definimos como foco de análise as cenas filmadas com base nos seguintes indicativos: a) as ações sociocomunicativas utilizadas pelos bebês em ocasiões de interações com sua professora e b) as ações interativas iniciadas e mantidas pela professora diante das (re)ações sociais expressas pelos bebês.

Como o uso de filmadora poderia provocar situações de desconforto nos participantes, curiosidades em torno do instrumento e, por vezes, modificar as situações cotidianas, registramos as ações que ocorriam no banho das crianças, em média 30 minutos por dia. O tempo estipulado para gravação diária se baseou em outras pesquisas em que o foco também era investigar o cotidiano dos bebês (COUTINHO, 2010; RAMOS, 2010; SCHMITT, 2014).

Os dados obtidos nas videograções foram inicialmente explorados por meio da análise microgenética, que busca analisar com detalhes as condutas dos sujeitos no contexto das situações (GOES, 2000; MEIRA, 1994). Após essa etapa, as situações interativas foram selecionadas, organizadas e descritas em categorias representativas vinculadas aos objetivos eleitos e agrupadas em eventos interativos denominados de *episódios* (PEDROSA; CARVALHO, 2005).

Os episódios foram construídos considerando como critério a regulação recíproca, em que se possa identificar os sujeitos da ação, a partir da atividade que realizam em conjunto (CARVALHO; PEDROSA, 2005). Cabe ressaltar ainda que, para fins de análise, observamos os vídeos por repetidas vezes, buscando identificar detalhes das ações interativas nas diádes bebê-professora que foram agrupados em momentos descritos.

Dessa forma, utilizamos instrumentos para geração de dados que nos permitissem compreender e evidenciar de que forma professora e bebês estabelecem ações interativas durante as práticas cotidianas de cuidados pessoais, especificamente nos momentos destinados ao banho.

De modo a sustentar a argumentação, ampliá-la e dar visibilidade aos achados do presente estudo, apresentaremos a seguir um episódio alçado do conjunto de dados produzidos.

Ações de cuidados pessoais entre bebês e a professora: interação e banho em foco

O banho das crianças no contexto investigado se dava sempre após a atividade dirigida^[1] pela professora, também denominada pela instituição como momento da “atividade pedagógica”, ocorria por volta das 10h e durava em média de 10 a 15 minutos para cada bebê. Esse horário antecipava o momento do sono, que também era apreciado pelas crianças. Nesse contexto, o banho tinha a finalidade de preparar uma atmosfera de conforto, de relaxamento e bem-estar, que culminava, logo após, com o espaço dedicado para o sono dos bebês.

Enquanto uma criança estava no banho, as demais aguardavam chegar sua vez. Em geral, as crianças apreciavam esse momento e, por vezes, demonstravam interesse em tomar banho, que foi possível observar por meio do deslocamento deles até o local do banho, bem como a tentativa de retirada das roupas e fraldas antes de molhar-se, sinalizando o interesse em participar da atividade. Além disso, o fato de a água destinada para o banho estar em temperatura natural, não gerava grandes incômodos nas crianças, tendo em vista os constantes indicativos de solicitação que observamos vindos dos bebês para participação nessa atividade organizada pela professora.

Apresentamos abaixo o episódio “Banho de Louyse”. Cabe destacar que a longa sequência interativa durou 12min19s. Recortamos, desse total, 2min35s em quatro momentos que estão descritos a seguir, e que consideramos suficientes para demonstrar as ações interativas de bebê e professora no contexto do banho da menina.

1º MOMENTO: Após jogar a fralda suja de cocô de Louyse (F/1a; 5m) na lixeira, a professora se despede dizendo: “tchau, cocô”, fazendo gestos de adeus com a mão. Louyse repete os gestos da professora e diz: “tchau cocô”. Em seguida, a professora pega a menina no colo em direção ao local onde fica a banheira, enquanto as duas continuam verbalizando, revezando a fala uma após a outra: “tchau, cocô, tchau, cocozinho”. A professora solicita: “deixa a tia lavar primeiro o bumbunzinho, pra depois botar na banheirinha”, seguindo o mesmo tom de voz. Nesse momento, a criança enxerga um objeto e a professora pede que ela aguarde: “deixe eu lavar o bumbum, depois tia lhe dá. Segure aqui, pra tia lavar o bumbum de cocô, depois tia lhe dá”. Após o pedido da professora, Louyse se vira e segura na parede, sacudindo a cabeça para baixo e para cima fazendo sinal de positivo. A professora diz: “direitinho pra não cair”. Enquanto limpa suavemente a menina, a professora questiona: “E cê tava quietinha, não falou nada que tava de cocô?”. Logo depois, suspende a menina novamente no colo, enquanto a coloca na banheira. Ao se virar, Louyse encontra o sapo de plástico que estava na área de banho.

2º MOMENTO: Louyse pega o sapo e diz: “oiii, sapo”. A professora responde: “você vai dar banho em quem? No sapinho?”. Nesse mesmo instante, coloca um pouco de sabão nas mãos e informa à criança: “vou molhar a cabeça não, viu? Tá tão arrumadinho seu cabelo”. Louyse permanece com o sapo na mão. Logo, a professora diz: “vai dar banho no sapo, em quem mais você vai dar?”, enquanto massageia suavemente com sabão os ombros e o pescoço da menina. Nesse momento, a criança se abaixa pegando a ducha para dar banho no sapo, mas acaba sem querer molhando a professora, que diz: “aain, na tia não! A tia não precisa desse banho agora”. No entanto, o interesse da criança focalizava o banho no sapo. Paralelamente, a professora continua lavando o braço de Louyse, enquanto a mesma parece dialogar com o sapo enquanto o lava. A professora percebe e questiona: “oolha que sapinho lindo, molhou o olho dele foi? Você molhou o olho do sapo”, em um tom divertido, apontando o dedo em direção à Louyse. Nesse momento, a menina levanta a cabeça, olha e sorri para a professora.

3º MOMENTO: Louyse permanece trocando olhares com a professora, enquanto a mesma segue ensaboando o corpo da criança. Dessa vez, pergunta: “deixa eu lavar o sovaquinho, o sovaquinho?”, estendendo o braço da menina, ao mesmo tempo em que o esfrega brincando de fazer cócegas, a criança sorri. Em seguida, pede, enquanto levanta o outro braço da menina, que segura o sapo: “o outro sovaquinho. Você tem dois sovaquinhos”. Continua ensaboando e informando a menina sobre suas ações: “o bracinho e a mão, lava a mão, lava a mão”, enquanto o sapo cai suavemente da mão da criança, que se mostra atenta aos movimentos da professora esfregando sua mão.

4º MOMENTO: Enquanto lava os dedos de Louyse, a professora informa para ela que é para ficar cheiroso: “lave os dedos assim”, esfregando suavemente dedo por dedo da criança, que observa atentamente os movimentos que a professora realiza em seus dedos. Em seguida, pede para a criança: “aí lava uma mão e a outra assim, ó! Isso”, parabenizando a menina por ter repetido o ato de esfregar as mãos e complementando: “assim, ó, olhe pra tia”. As duas permanecem esfregando as mãos com sabão. Logo depois, a professora informa: “agora a barriga”. A menina responde sorrindo e empurrando sua barriga para frente, enquanto deixa a professora esfregá-la.

Considerando as interações como elementos fundantes dos processos educativos na educação de bebês e crianças bem pequenas (BRASIL, 2009), buscamos inspirações teóricas na Abordagem Pikler ao destacar a importância das interações nos momentos destinados aos cuidados pessoais, especialmente aqueles dedicados ao corpo. Nesse sentido, Falk (2016, p. 33-34) informa “[...] num coletivo de crianças, o relacionamento adulto-criança se estabelece, sobretudo no momento das refeições, do banho e dos outros cuidados corporais, situações íntimas e momentos privilegiados de contatos e de interações individuais”.

Diante dos momentos interativos descritos no episódio apresentado, professora e bebê colaboram entre si, estão envolvidos em ações interativas sem a presença de outras crianças, o que possibilita que o momento do banho se desenvolva com maior cumplicidade, sem pressa e com alegria.

Conforme observamos, Louyse não foi interrompida em suas iniciativas, ao contrário, encontrou um adulto disponível e socialmente acolhedor de seus enredos e motivações para brincar e interagir durante o banho. O tempo dispendido para a atividade não foi ampliado significativamente em razão das interações estabelecidas, quando comparado a um banho realizado de forma mecânica, considerando a criança como objeto. Pelo contrário, identificamos a importância do valor do tempo relacional qualificado, um tempo que é de fundamental importância para os bebês e que foi valorizado pela

docente.

No desenrolar das ações, ao tempo em que dialogavam, a professora ia informando à criança o que ia acontecer durante o banho, solicitando, por vezes, a colaboração da garota que demonstrava que ser responsiva às ações que lhes foram propostas, comprovando resultados de estudos sobre o quanto os bebês são capazes de colaborar e ser um sujeito partícipe de ações que envolvam o seu próprio cuidado (TARDOS; CHAHIN, 2018). Desse modo, corroboramos com Guimarães e Arenari (2018, p. 16), quando defendem que

[...]os momentos de cuidado corporal pareceram relevantes no caminho de dar fecundidade à humanização dos bebês e às possibilidades dialógicas e afetivas. Trocas de atenção, olho no olho, respostas aos movimentos expressivos constituem o desenvolvimento de cada um dos bebês e colocam-se como ações docentes intencionais centrais no cotidiano da creche.

Apesar de serem momentos importantes no processo educativo dos bebês, Barbosa e Quadros (2017, p. 48) informam que há um processo de silenciamento de aprendizagens relativas aos cuidados pessoais e nos convoca a refletir no sentido de que é necessário “[...] reverter esse silenciamento sobre as aprendizagens relativas às vidas concretas das crianças bem pequenas e defini-las como aprendizagens cotidianas de valor curricular, a serem realizadas também na escola”.

Conforme descrito no episódio apresentado, a professora avisa sobre cada passo que irá desenvolver com a criança, pede, aguarda o retorno de Louyse às solicitações, construindo parcerias com a menina, ocasião social em que bebê e professora mantêm movimentos ritmados em que a ação de uma provoca reação na outra. Nesse sentido, as ações interativas proporcionam possibilidades para o desenvolvimento de cooperação bebê-adulto. Assim, percebemos que a professora não foca apenas na tarefa do banho. Ao contrário, manipula o corpo da criança com permissão, cuidado e intimidade que possivelmente foi construída ao longo das numerosas ações interativas que se desenrolaram no cotidiano, nas diversas e repetidas ocasiões que estiveram juntas.

Notamos que as ações interativas não se restringiram à comunicação verbal, ainda que dirigidas predominantemente pela professora. O toque suave no corpo do bebê; a voz calma da docente e provocadora de interlocuções com Louyse, a valorização de outros interesses da criança (brincar com o sapo, sabão, ducha) nos apresentam formas diferenciadas do fazer pedagógico com o bebê que delinea a intencionalidade educativa marcada nas ações da professora. Por isso, Martins Filho (2013, p. 212) amplia o debate e nos alerta no sentido de compreender que “[...] é importante perceber que nesses contatos há uma relação corporal que propicia a construção da afetividade com as crianças. É um momento que se abre com diferentes possibilidades de experiências, de relações e interações ricas e intensas”.

Desse modo, os modos de banhar a criança, o olhar atento e a disposição social responsiva e provocadora de interações da professora revelam a dimensão de cuidado a que nos referimos ao longo deste trabalho. Um cuidado que vai além de aspectos repetitivos e mecânicos, mas vinculados ao afeto, atenção, carinho, respeito, envolvimento social e afetivo com o bebê. Assim, entendemos que o cuidado se apresenta no tempo destinado às atividades e nas interações qualificadas que foram observadas no episódio apresentado.

Diante de ações interativas qualificadas, os bebês e as crianças bem pequenas vão se constituindo enquanto sujeitos, constroem vínculos e, com o tempo, passam a perceber que o mundo é um lugar interessante para viver (BARBOSA; QUADROS, 2017).

Considerações finais

Descortinar as possibilidades educativas dos bebês, a partir das práticas educativas situadas no banho, apresenta-se como uma proposta desafiadora, tendo em vista a perspectiva de escolarização precoce ainda tão presente nas instituições de Educação Infantil, que muitas vezes desvaloriza tais práticas sociais importantes da proposta pedagógica com bebês.

Ressignificar os momentos de cuidados pessoais enquanto momentos educativos que configuram dimensões da docência parece ser um movimento extremamente necessário e um direito dos bebês e crianças pequenas. Essa construção exige que se fortaleçam ações específicas cujo binômio cuidar/educar estejam presentes na formação inicial e continuada de professores.

Em um contexto educacional em que predominam o que pode ser medido e objetivado, tratar de dimensões que vão além da valorização do aspecto cognitivo da criança constitui-se como um grande desafio a ser enfrentado se quisermos avançar nas discussões que atendam, de fato, às especificidades da docência de bebês e crianças bem pequenas. Estamos falando de propostas pedagógicas que garantam às crianças viver suas infâncias com respeito, alegria e novas descobertas sem pressa de aprendizados de conteúdos de componentes curriculares. Que a ação do adulto no atendimento às necessidades fisiológicas das crianças (banho, alimentação, troca de fraldas, por exemplo) não interfira em seus processos criativos e que os imprevistos do cotidiano em situações de cuidados pessoais dos bebês se tornem momentos profundos de reflexão, transformação e renovação da prática educativa.

Dentro dessa perspectiva, as bases de sustentação para a docência com bebês necessitam de formação profissional ara além dos aspectos de transmissão/recepção de conteúdos escolares. Pois, como vimos, não atendem às necessidades de desenvolvimento de bebês e crianças bem pequenas. Exigem que as práticas pedagógicas dirigidas a essa faixa etária tenham intencionalidade, considerando a criança enquanto sujeito de direito e não como mero expectador de sua vida e aprendizagens.

O banho enquanto ato pedagógico ainda está permeado por crenças e limitações quanto às possibilidades educativas, tendo em vista todo o histórico de pré-conceitos que envolveram as práticas ligadas ao corpo em instituições de educação coletiva de crianças. Observamos que a maneira de ser tocado, as ações interativas qualificadas, o prazer pelo banho, ofereceram aos bebês oportunidades de aprendizagens que vão desde a percepção de que o ato de banhar-se é gesto de cuidado de si e importante para o conforto das pessoas, bem como importante para própria higiene.

A escolha pela temática investigada não se pretende concluída, ao contrário, é também um convite para que demais pesquisadores contribuam para o movimento de reconhecimento da importância da formação especializada para a docência com bebês. Uma profissão que historicamente passou por profundas transformações e que ainda se encontra em processo de construção.

Esperamos, portanto, que esta pesquisa possa contribuir como ferramenta para instigar um maior interesse dos

pesquisadores sobre ações interativas de cuidado/educação entre bebês e sua professora, nos momentos destinados aos cuidados pessoais, em situações de banho, culminando em maiores produções e reflexões sobre o tema.

Referências

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Práticas cotidianas na Educação Infantil**: bases para reflexão sobre as orientações curriculares. Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS para construção de orientações curriculares para a Educação Infantil. Brasília, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf. Acesso em: 16 abr. 2017.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. As especificidades da ação pedagógica com bebês. In: I Seminário Nacional: currículo em movimento - perspectivas atuais, 2010, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos** [...]. Belo Horizonte: MEC, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6670-asespecificidadesdaacaopedagogica&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 27 mai. 2018.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; QUADROS, Vanessa da Silva Rocha. As aprendizagens cotidianas: os cuidados pessoais das crianças como gesto curricular. **Revista Em Aberto**, Brasília, v. 30, n. 100, p. 45 -70, set/dez. 2017. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/3358/pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna. **Manual de educação infantil**: de 0 a 3 anos - uma abordagem reflexiva. Porto Alegre: Artmed, 1998.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 02 mar. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Currículo e linguagem na educação infantil**. 1. ed. Brasília: MEC/SEB, 2016. Disponível em: http://www.projetoleituraescrita.com.br/wp-content/uploads/2017/08/Caderno_6.pdf. Acesso em: 02 out. 2018.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Relatório do 2º Ciclo de Monitoramento das Metas do Plano Nacional de Educação** - 2018. - Brasília, DF: Inep, 2018.

COUTINHO, Angela Maria Scalabrin. **A ação social dos bebês**: um estudo etnográfico no contexto de creche. 2010. Tese (Doutorado em Estudos da Criança) - Universidade do Minho, Braga, 2010.

FALK, J. (org.). **Abordagem Pikler** - educação infantil. Tradução de Guilherme Blanco Ordaz. Revisão técnica: membros da Rede Pikler Brasil. 2. ed. São Paulo: Editora Ominisciência, 2016.

GOES, Maria Cecília Rafael de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 20, n. 50, p. 9-25, abr. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622000000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em 06 mai. 2017.

GUIMARÃES, Daniela; ARENARI, Rachel. Na creche, cuidados corporais, afetividade e dialogia. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 34, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982018000100155&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 jan. 2019.

KUHLMANN JR., Moysés. **Infância e Educação Infantil**: uma abordagem histórica. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

MARTINS FILHO, Altino José. **Minúcias da vida cotidiana no fazer-fazendo da docência na educação infantil**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/72780/000886247.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 jan. 2019.

MEIRA, Luciano. Análise microgenética e videografia: ferramentas de pesquisa em psicologia cognitiva. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 3, p. 59-71, dez. 1994. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000300007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 mai. 2017.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Indagações sobre currículo**: currículo, conhecimento e cultura. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag3.pdf>. Acesso em: 02 out. 2018.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; et al. **Pedagogias(s) da infância**: dialogando com o passado: construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PEDROSA, Maria Isabel; CARVALHO, Ana Maria Almeida. Análise qualitativa de episódios de interação: uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. **Psicologia, Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 18, n. 3, 2005. p. 431-442.

PENA, Érica Dumont. **Cuidar**: relações sociais, práticas e sentidos no contexto da Educação Infantil. 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015.

RAMOS, Tacyana Karla Gomes. **A criança em interação social no berçário da creche e suas interfaces com a organização do ambiente pedagógico**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

ROCHA, Eloisa Candal; BATISTA, Rosa. **A Constituição Histórica da Docência na Educação Infantil**: um estudo a partir do contexto catarinense do início do século XX. In: REUNIÃO ANPED GT7, 37, 2015, Florianópolis. Anais, Florianópolis: 2015.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas**: contornos da ação docente. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/135380/334486.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 02 jul. 2017.

SILVA, Isabel Rodrigues da. **As dinâmicas corporais na docência com bebês**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2018. Disponível

em: https://www.riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/4955/131_Isabel%20Rodrigues%20da%20Silva.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 04 jan. 2019.

TARDOS, Anna; CHAHIN, Elsa. **Em manos amorosas**: como los derechos de los niños pequenos em hogares para niños ofrecen esperanza y felicidad en el mundo de hoy. Tradução: Ana María Sánchez; Mayra Cisneros. Revisão técnica: Ma. Carmen Omaña Orduño; Andrea López Monroy. Estados Unidos: Xlibris, 2018.

TIRIBA, Lea. Educar e cuidar ou, simplesmente, educar? Buscando a teoria para compreender discursos e práticas. Trabalho apresentado no GT7 da 28ª Reunião Anual da **ANPED**, 2005.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. **Ser professora de bebês**: um estudo de caso em uma creche conveniada. 2004, 207f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

WINTERHALTER, Diolinda Franciele. **As especificidades das práticas educativas na creche**: o que as crianças expressam em suas vivências na educação infantil?. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

[1] No contexto da Educação Infantil, em geral, atividades denominadas dirigidas são aquelas em que a professora depende um tempo específico em que apresenta, mostra ou ensina alguma coisa para as crianças (FALK, 2016).